

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

## **ANTIQUA. MANUSCRITOS INÉDITOS DE FRANCISCO MARTINS SARMENTO. INFORMES, RECONHECIMENTOS E PROSPECÇÕES.**

SARMENTO, Francisco Martins

Ano: 1986 | Número: 96

---

### **Como citar este documento:**

SARMENTO, Francisco Martins, Antiqua. Manuscritos inéditos de Francisco Martins Sarmiento. Informes, reconhecimentos e prospecções. *Revista de Guimarães*, 96 Jan.-Dez. 1986, p. 5-33.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)

URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Manuscritos inéditos de  
Francisco Martins Sarmiento

ANTIQVA

(Informes, reconhecimentos e prospecções)

Entre os manuscritos inéditos deixados por Martins Sarmiento e que se encontram guardados na sala de Reservados da Biblioteca da Sociedade Martins Sarmiento, avultam pelo seu interesse os cadernos manuscritos a que Sarmiento deu o nome de ANTIQVA (Informes, reconhecimentos e prospecções). Nestes cadernos que totalizam 778 páginas manuscritas, lançou o sábio arqueólogo os seus apontamentos sobre arqueologia, etnografia, folclores e tradições populares recolhidos durante o período que vai de 23 de Maio de 1878 a 10 de Dezembro de 1898.

Em 1970, o coronel Mário Cardozo então Presidente da Sociedade Martins Sarmiento vendo a impossibilidade de publicar de uma só vez, em um ou dois volumes, ANTIQVA, resolveu iniciar aos poucos a sua publicação nas páginas da Revista de Guimarães, dando assim a conhecer aos leitores estes manuscritos inéditos, do grande pioneiro da arqueologia portuguesa. Na nota de apresentação da primeira parte publicada no volume LXXX de 1970 e cuja leitura aconselhamos vivamente, Mário Cardozo refere-se a certo ponto a estas páginas de Martins Sarmiento:

«Nestes apontamentos, escritos *currente calamo*, com a mesma simplicidade de linguagem com que o seu autor conversava com amigos ou confrades, no apaixonante estudo das nossas antiguidades, adoptando um estilo repassado de certa elegância literária, onde por vezes afluía o bom humor e a ironia, transparece sobretudo o afã, o entusiasmo de Sarmiento durante esses anos de investigações praticadas no campo, com que, a partir das explorações da Citânia de Briteiros, começadas em 1875, pretendia acumular novos elementos que lhe permitissem desvendar as origens dos povos do Norte da Lusitânia, a sua cultura pré-céltica e a sua remota ascendência etnológica.

Possuía Martins Sarmiento uma excepcional acuidade de observação e de análise, qualidade que, junta a uma sólida cultura, lhe permitia a criteriosa segurança das suas conclusões. Percorria montes e outeiros sem fadiga, à cata de velharias, interrogava amigos ou simples conhecidos, detinha-se com pessoas desconhecidas que encontrava nessas digressões, camponeses que lhe serviam de guias e dos quais colhia informações, registando muitas vezes os próprios

termos, a maneira característica do linguajar, do vocabulário rústico dessa gente simples das aldeias, que lhe transmitia notícias das lendas, contos e tradições locais, da existência das cidades dos «mouros», dos fantásticos «tesouros encantados», das fadas e feiticeiras que alguns diziam ter visto, sentadas em rochedos, em sítios descampados, a pentear os seus longos cabelos «com pentes de ouro». Inquiria dessa gente que lhe falava de certas «letras» que ninguém sabia ler, gravadas em rudes e grosseiras lápides. Foram todos estes informes, coloridos da fantasia ingénua do povo, do sentido do maravilhoso e do sobrenatural, que Martins Sarmiento nos deixou registados nos seus preciosos cadernos, folhas esparsas da história do longínquo e nebuloso passado do povo português. Prestamos, creio bem, serviço útil aos leitores desta Revista com esta publicação, que hoje se inicia, de um dos aspectos inéditos mais interessantes do incansável labor mental do nosso glorioso conterrâneo.»

Não teve infelizmente continuidade a iniciativa de Mário Cardozo, pois só foram publicadas 86 páginas no volume LXXX da Revista de Guimarães. Ignoramos quais os motivos que levaram à sua interrupção. Supomos que a sua avançada idade e o facto de pouco depois, em 1973, ter deixado a Direcção da Sociedade Martins Sarmiento possam ter contribuído para essa suspensão.

Passaram-se, entretanto 16 anos, seguindo o exemplo de Mario Cardozo resolvemos retomar, no ponto onde ele a deixou, a publicação de ANTIQVA.

Este trabalho, que se nos afigura longo, contribuirá certamente para informar e auxiliar a nova geração de estudantes que se dedica fervorosamente aos estudos arqueológicos, e também para divulgar estas páginas inéditas do sábio arqueólogo vimaranense.

ANTIQVA é composta por seis cadernos manuscritos encadernados em dois volumes de três cadernos cada. Na Revista de Guimarães, volume LXXX, foram publicadas as primeiras 86 páginas do primeiro caderno. Retomamos nesse ponto a publicação.

Seguindo o método de Mário Cardozo acrescentamos no pé da página algumas anotações, que eventualmente podem ajudar os nossos leitores na leitura do texto.

A numeração das anotações continuará a das já publicadas.

A parte que irá ser apresentada neste número da Revista de Guimarães, abrange o período de Janeiro a Maio de 1879. Por estas páginas perpassa o entusiasmo de Martins Sarmiento, andarilho incansável que podemos seguir nas suas andanças por esta região.

Vejamos:

No dia 25 de Abril vai ao Monte de S. Miguel em S. Vicente de Oleiros, desabafando nas páginas do seu caderno: «É áspera a subida!» No dia seguinte, 26, está em Vila Cós, Silvares, onde se esfalfa com o Formigosa à procura do penedo das letras.

A 28 segue com o seu sobrinho Manuel para Roriz e por lá pernoita, certamente, pois a 29 seguem em visita à Citânia de S. Fins. A 1 de Maio já o encontramos na Fornalha, Abação. Entre 1 e 6 de Maio, em dia que não assinala, vai com o P.º João, mais tarde Abade de Tãgilde, a Bugalhós, Creixomil.

No dia seguinte excursão pela Senhora do Monte.

A 7 de Maio, Santa Pára e Vila Nova de Infantas.

No dia 10 (sábado) por causa da chuva, só parte às 3 horas da tarde para Santo Ovídio, Penedo de Santo Entrudo, Outeiro das Freiras, Outeiro do Cú do Cão e Penedo da Pegadinha, tudo à volta de Fafe. Por lá anda até a noite cair.

A 15 vai para os montes de S. Eufémia de Prazins, passado por S. Cláudio do Barco. Nessa altura, estava, já na sua casa em Briteiros onde chegara na véspera o António Monteiro que vinha tratar das plantas da Citânia e de Sabroso. Finalmente, a 26 de Maio faz uma sondagem arqueológica na «Cova do Carvalho» em Vila-Cós.

O que ele andou no espaço de um mês! A pé ou a cavalo por montes e vales, infatigável na busca e estudo das nossas origens.

*F. J. Salgado Guimarães*

Manuscritos inéditos de  
Francisco Martins Sarmiento

ANTIQUA

(Informes, reconhecimentos e prospecções)

Anotados por  
F. J. SALGADO GUIMARÃES

*Cidade de Magnete.* — O Falcão que tem uma quinta perto de Meinedo (Vila Pouca) (182) disse-me que por ali havia tradições duma antiga cidade chamada Magnete tendo aparecido várias antigualhas, como moedas e restos de sepulturas (183). O abade possuía — dizia ele — um manuscrito que falava destas antiguidades.

Pus-me em relação com o abade — Agostinho Lopes Coelho Ferraz, que me mandou cópia do manuscrito. Nada vale. É todo tirado do Argote e de outros. Quanto a antiguidades reais nada diz. Os sepulcros parece serem já do tempo do cristianismo e pertencerem à velha igreja. No outeiro próximo, uns cacos apareciam. O Falcão há pouco (em Janeiro deste ano — 79), disse-me que não faltavam cacos pelo outeiro.

O abade diz também: «Consta-me que em Penafiel houve um Padre António Benicio de Figueiredo, há pouco falecido, que tinha um livro que descrevia as antiguidades desta terra e de outras circunvizinhas, cujo herdeiro fora um Dr. Adriano, que ainda lá existe. (Em 12 de Maio de 78).

*Inscrição no castelo de Lanhoso* (184). — Tenho nada menos que três cópias. Uma no Novo Almanaque de Lembranças de 1878, mandada ao editor pelo João Cândido, então juiz de direito em Lanhoso.

---

(182) Freguesia do concelho de Lousada, donde dista 6 kms. Vila Pouca é um lugar da mesma freguesia.

(183) No Museu Martins Sarmiento existem dois sarcófagos monolíticos provenientes da Quinta dos Padres em Meinedo. Vide Catálogo de Epigrafia, 3.<sup>a</sup> edição, pág. 133.

(184) O Boletim da Direcção Geral dos Monumentos Nacionais, n.º 29, Castelo de Lanhoso, não faz referência a esta inscrição.

+ P E T R U S A P I S

Outra do primo do P.<sup>e</sup> Manuel de Ribas, abade de Arosa (Manuel Macedo, Duarte, creio se chama ele).

+ P E T R U S A P I S

A 3.<sup>a</sup> do Cesário (185), cuja autenticidade garante.

+ P E T R U S A P I S

O Filipe, consultado pelo José de Freitas com um fac-simile da 2.<sup>a</sup> inscrição quis ler: PETRUS A (por E, culpa do gravador) PIS, faltando o complemento da inscrição (copus = Petrus Episcopus).

*Inscrição de S. Martinho de Candoso* (186).—À porta, travessa do norte:

χ ι κ ρ ε ρ α ο ν κ κ ι  
 ο ι ρ λ ι ι ι ο δ ρ ι ο ε μ ζ  
 υ ι κ ο μ

A primeira palavra decifrava-a o Saromenho: 11 Kalend. Februari. O Pinho Leal: Pedro Leão Fecit!

(185) Cesário Augusto Pinto, condutor das Obras Públicas e chefe da respectiva Secção de Guimarães. Era pessoa curiosa pelo estudo de antiguidades, a quem Martins Sarmento muito considerava (Revista de Guimarães, Vol. LXXX, pág. 48, nota 113).

(186) S. Martinho de Candoso, freguesia do concelho de Guimarães, donde dista 5 kms.

*Inscrição na Igreja de Roriz* (187).—Talvez tendo pertencido a algum túmulo. Parece incompleta:



*Inscrição na Igreja de S. Miguel de Creixomil* (188).—Não se sabe onde apareceu.



Está hoje embutida na parede da igreja, perto da porta travessa para poente<sup>(189)</sup>.

*Gruta em Basto*.—Defronte duma quinta que tem o Falcão em Basto, que se não fica em S. Maria de Pedraça<sup>(190)</sup>, fica perto, há uma caverna, cujo nome popular me não lembra, mas parece infestada de coisas ruins. Aí perto, se não erro, andando ele a brincar ao pé de um penedo, onde parece que alguém esfossara, encontrou um sardão de barro que deitou fora.

*Em Vizela* (191).—Um apontamento que um sujeito de Vizela deu ao Fortunato Bastos, em tempos em que lhe pedi cópia das inscrições que para ali há, esperando algumas inéditas (que não vieram) leio: Na Quinta da Devesa e no campo do Pombal, tem aparecido muitas pedras enterradas, e muito bem

(187) Roriz, freguesia do concelho de Santo Tirso, donde dista 10 kms.

(188) S. Miguel de Creixomil, freguesia na periferia da cidade de Guimarães.

(189) Esta lápide funerária encontra-se hoje no Museu da Sociedade Martins Sarmento. Foi oferecida ao Museu em 1947 pelo pároco P.<sup>c</sup> Manuel de Freitas Leite. (Catálogo de Epigrafia, 3.<sup>a</sup> Edição, pág. 111).

(190) S. Maria de Pedraça, freguesia do concelho de Cabeceiras de Basto, donde dista 7 kms.

(191) Vila do concelho de Guimarães composta pelas freguesias de S. João e S. Miguel. Devesa, Pombal, St.<sup>a</sup> Suzana e Aidro são lugares desta localidade.

lavradas, mostrando ter sido casa porque ainda mostram sinais de porta. É pedra fina. O dono empregou-as em edificações.

Em uma velha casa em Santa Suzana existia uma pedra com letras que ninguém lia. A casa foi demolida e supõe-se que a inscrição esteja nos alicerces.

No campo do Chão da mesma Quinta há enterrada uma espécie de abóbada ou arcaria muito bem feita, de pedra fina, que se pode examinar, consentindo o proprietário que é o Abade de Tãgilde.

Na Quinta do Aydro (?) apareceram algumas pedras com letras, mas desapareceram por não lhes darem valor.

O dono da ara ao deus Bormânico (192) chama-se José Alves Torres, moleiro, proprietário do lugar da Ponte Velha, freguesia de S. João das Caldas (193).

Ruínas de povoações nomeadas pelo Cesário (194) ao José Sampaio (195). O Crasto (Paço) não o designa por este nome. Em Vermoim, ruínas dum castelo (naturalmente dum dos romances do Camilo, já da Idade-Média). Em Joane, no Monte da Corveã, ruínas dum castelo. Em Quizande, monte de S. Mamede restos de fortificações. Em Delães, Monte de S. Miguel, vestígios de povoação antiga. Em Santo Tirso, lugar de Burgães, ruínas duma importante povoação (a Citânia de S. Fins, de certo). Em Fafe, o Crasto (S.<sup>to</sup> Ovídio). Um outro monte (?) (196) onde acharam a Sr.<sup>a</sup> de Antime, que é uma estátua da deusa Ceres.

*Capelo Vermelho.*—É não longe da Citânia de S. Fins e aí parece ter havido o que quer que fosse, bem como noutra outeiro das imediações—diz o José Sampaio. Se ao pé das Citânias houvesse Sabrosos, trocava estes por aquelas.

*Estátua Calaica de Fafe.*—Um sobrinho do Vieira, residente em Fafe, Albino Almeida Dias Leite, esteve comigo contando-me algumas descobertas feitas no monte de S.<sup>to</sup> Ovídio, perto a Fafe. Um muro de suporte que se fez ao terraplano em que fica a capela obrigou a um corte e foi isso que fez descobrir várias moedas algumas das quais, pequenos bronzes, possuo (indo as melhores para as mãos de um brasileiro que as levou para o Rio), alguns objectos de metal e algumas balas de pedra (*sic*). Quase tudo parece ter aparecido ao pé de uma pequena mina, que ficou de novo atulhada. Falou-me de uma estátua que havia no alto do monte, e que os garotos já tinham posto em duas. Não era para mim

(192) Esta lápide dedicada a Bormânico encontra-se hoje no Museu da Sociedade Martins Sarmiento. Foi comprada por Martins Sarmiento em 1893. (Vide Catálogo de Epigrafia, 3. Edição, pág. 26).

(193) Vide nota 191.

(194) Vide nota 185.

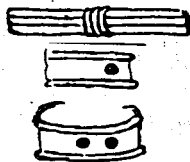
(195) José Sampaio. Um dos sócios fundadores da Sociedade Martins Sarmiento. Era irmão do historiador vimaranense Alberto Sampaio.

(196) Refere-se ao Outeiro das Freiras, Fafe.



nova a existência de tal estátua; mas a descrição que ele me fez dela fez-me entrever nela um outro exemplar das estátuas calaicas. Mandando-lhe mostrar a estampa de Viana, na obra do Hübner, reconheceu-a logo. Daí a dias estava em minha casa a estátua, que mandei colar, ficando sofrivelmente remendada (197).

A estátua não tem cabeça, que era como a de Viana, separada do tronco. Mandei pedir disso e de outras coisas notícia ao José Maria Peixoto, mas pouco se adianta. Falou com o homem que assistiu à escavação, onde ela apareceu (um caseira do Ferreira), mas este não se lembra de cabeça, só diz que conjuntamente apareceram outras peças, que foram enterradas, ou metidas na edificação da quinta. Um artigo que escrevi na Revista Académica obrigou-me a pedir ao Rodrigo algumas explicações e medidas das «estátuas de Montalegre», hoje no Jardim da Ajuda (198). Eis o que ele diz: As duas estátuas são de granito de grão fino, inteiriças (logo cabeça pegada? É, di-lo positivamente agora, urge aclarar isto), em tudo iguais menos no cinto e nas dimensões. A mais pequena tem 1,72 de alto. As cabeças são rapadas, os narizes carcumidos, os queixos apresentam uns indícios de barba toda, tornando-se mais saliente o bigode. Os braços atrofiados. Os escudos são perfeitamente redondos e planos (o de Fafe é «cava foras», Strab.) (199); no centro tem uns botões mais proeminentes cercados de uma orla. O escudo da mais pequena tem de diâmetro 0,46 (o de Fafe 0,48). O botão e a orla de diâmetro 0,13, sendo 0,09 do botão. 0,02 da orla para um lado, 0,02 para outro. As pernas estão cortadas pelo meio das canelas. A altura da cabeça até ao queixo, 0,33 e do queixo para baixo 1,39. A largura de ombros pelas costas é de 0,55. O cinto da maior mas os cordões verticais mal distintos. O cinto da mais pequena: o botão para as costas visto de perfil, porque de resto são dois botões que o Rodrigo chama muito comidos.



Tem ambos adagas na mão direita (a). A manga termina pouco abaixo do ombro, e logo em seguida «umas espécies de braceletes formados de três cordões». As medidas especificadas vão adiante. O vestido ou saial termina distintamente a meio das coxas (como na Fafense, Rodrigo). As medidas da estátua maior são: cabeça 0,36; do queixo ao escudo 0,49; escudo 0,50; até à fimbria do saial 0,18; daí até baixo (meio das canelas 0,52) total 2,05; largura de ombros, pelas costas 0,65.



Ambas as estátuas, cada uma à entrada do Jardim da Ajuda assentam em peanhas de pedra das cercanias de Lisboa. A peanha da maior tem a seguinte

(197) O Monte de St.º Ovídio fica à entrada da cidade de Fafe, do lado esquerdo da estrada nacional que liga Guimarães a Fafe.

Esta estátua encontra-se no Museu da Sociedade Martins Sarmento (vide Catálogo de Epigrafia, 3.ª Edição, pág. 1537).

(198) Estas estátuas estão hoje no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Lisboa.

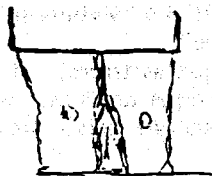
(199) A descrição que o geógrafo grego Estrabão faz do escudo dos lusitanos coincide com a do escudo da estátua de Fafe: ...«cujos diameter duum pedum, cava foras»...; ou seja, com a parte côncava para fora. (F. Martins Sarmento, Dispersos, 1933, pág. 36).

inscrição: «Statua militares in colle Lezenho prope viann Montalegre effossa anno MDCCLXXXV». A menor: «Estátuas militares que se acharam no Outeiro Lezenho perto da vila de Montalegre no ano de 1785».

Medidas da estátua mais pequena (vid. os esboços que o Rodrigo manda). Perfil—parte anterior: cabeça até ao queixo: 0,33; do queixo à borda superior do escudo 0,36; escudo, 0,46 (com o botão que tem 0,13 contando a orla, 0,99 não a contando); da parte inferior do escudo à orla do saio 0,15; da orla do saio até baixo, 0,42. Parte posterior marca a largura do cinto 0,09, e altura do saio do cinto até à orla daquele 0,30. De frente marca a largura da cara —linha de orelha a orelha, incluindo-as e passando pelos olhos 0,27; altura da orelha 0,10. As estátuas se tinham torques eram extremamente volumosos:



os joelhos são salientes:



Vê-se porque há pequenas diferenças entre estas estátuas e as de Viana e Fafe. Os pormenores são importantes: 1.º —as cabeças aqui são inteiras (aa) com o corpo: 2.º —os escudos são planos e não *cava foras*.

*Superstições.* —Trevo de 4 folhas. Quem achar o trevo de 4 folhas casa com quem quiser. É só metê-lo debaixo da pedra de ara. Ao pousar o padre o cálice na pedra, o cálice saltará, é verdade, e o acto é sacrílego, mas o casamento há-de realizar-se. (Mar.)

«Modo de fazer crescer o cabelo». —Corta-se uma pequena madeixa à meia-noite (do dia) de S. João ata-se a madeixa ao rebento de uma silva. O cabelo da cabeça, de onde saiu a trança crescerá na outra cabeça na proporção da crecência da silva, parece. (Mar. Marg.) (201).

*Expulsar coisa má.* —Entre outras fazer uma bola de cinza amassá-la com força gritando «Aqui d'el Rei que me fazem mal» (nomeia-se a pessoa ata-

(a) Os dedos mais mal distintos que os da estátua da Fafe; (um nada). Em geral o trabalho das de Montalegre é mais grosseiro. Os cordões dos cintos por exemplo sem a nitidez dos da Fafense (Rodrigo).

(aa) Confirmado. As cabeças rapadas (200).

(200) Para mais informes sobre estas estátuas, ver a obra de Armando Coelho Ferreira da Silva, A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal, Paços de Ferreira, pág. 305 e seguintes.

(201) D. Margarida Barbosa Machado, tinha casa em Briteiros e dava a Martins Sarmento muitas informações sobre folclore e tradições populares. (Revista de Guimarães, Vol. LXXX, pág. 14, nota 13).

cada). Fê-lo o capitão de Covas, por conselho de uma mulher de virtude de Ronfe. (Marg).

*Lar.*—O lar, de mais aprestos de cozinha, aquele deve ser feito ou reparado, estes comprados no dia de Natal (véspera?) (Mar.).

«Batendo açúcar em ponto, claras de ovos» se se desandar o giro em cuja direcção anda a colher que os bate, estraga-se tudo sem remédio; a albumina põe-se água (Mar. + Marg.).

*Medo dos Selvagens às pontes*—Numa notícia reproduzida na «Luta» de 8.4.79 conta-se que um zúlo trazido para a Europa, não queria de modo nenhum atravessar uma ponte, que no seu país são desconhecidas, com medo que as traves, em que era sustentada arreassem. Cêem os zúlos na transmigração das almas para o corpo das serpentes, que tratam cuidadosamente em sua casa, sendo presságio de grandes desgraças, se elas a abandonam.

*Penedo Cão*—Ao sul da barra do Porto (Actualidades).

*Casas Redondas*—São redondas por distinção, as casas dos régulos, perto de Bissau (Guiné Portuguesa) (da Luta, carta da Guiné).

*Vai-te para o Mar Coalhado*—É o esconjuro das almas penadas. «Eu te requieiro»: De lá nunca se volta.

*O Monte de S. Miguel (S. Vicente de Oleiros)* (202)—Fui hoje ver este Monte, onde o Costa (203) da Eira, me tinha dito haverem ruínas e penedos com letras. Mais tarde disse-me ele que um penedo com letras «doiradas» falava da presença de D. Miguel ali por não sei que questão. Fui pela Ponte de S. João e aproveitei o ensejo de apurar se por ali passava a antiga estrada de Braga a Guimarães, como eu presumia há muito. Fui à toa, guiando-me unicamente pelo monte. Atravessei S. João (204): Vila Nova de Sande (205), e esqueceu-me de perguntar onde acabava esta freguesia, e começava a outra, em que fica o monte de S. Miguel. Nas faldas do Monte perguntei pelo Penedo das letras douradas, mas o homem, a quem me dirigi, nada me soube responder.

(202) S. Vicente de Oleiros, freguesia do concelho de Guimarães, dista 13 kms desta cidade. Esta parte referente ao monte de S. Miguel (S. Vicente de Oleiros) foi publicada pelo Abade de Tâgilde na Revista de Guimarães, vol. XVII. Como tencionamos publicar ANTIQVA na totalidade e tal como saiu da pena de Sarmento, resolvemos incluir este trecho, apesar de já não ser inédito.

(203) O cirurgião J. Custódio da Costa, de Sande.

(204) S. João da Ponte é uma freguesia do concelho de Guimarães, dista desta cidade 6 kms.

(205) Vila Nova de Sande, freguesia do concelho de Guimarães, dista desta cidade 11 kms.

Arrotei com o Monte pelo Sudoeste; é áspera a subida. Um caminho velho com raras pedras, onde mal pode jurar-se que pertencessem a uma calçada foi o fio, a que logo me agarrei para entrar no labirinto.

O caminho, perde-se ao pé de uma boa nascente de água, que brota de um corte velho e rochoso na aba da vertente e onde de balde procurei velharias. Mas os rochedos são cavados pelos séculos. Pouco acima fica o marco geodésico, tomei o alto em que ele fica pela E. N. e dei logo com um talude de terra. Tate! Subido o talude, vi logo que a muralha ainda mostrava a coroa numa grande extensão. É um muro de suporte e está todo ainda quase intacto (escondido na terra do talude, claro é) em toda a volta do norte, poente, e quase todo o sul. Do lado do poente e perto da muralha, sobre uma laje vi metade de um moinho de mão. O Forte pouco maior diâmetro tem que Sabroso, e descobre-o perfeitamente, bem como à Citânia e quem sabe quantos parentes mais. A terra, é boa de mais; o mato, embora de um ano o muito, é espesso, de modo a não deixar ver nada. Espreitei de balde nos penedos à procura de círculos, coupeles, ou sinais quaisquer. Não os vi. Grupos de penedos não faltam, muito e principalmente no recinto dos muros mas nada vi que denotasse mão do homem, bem que a disposição de alguns formem pequenas grutas. A coisa mais saliente que vi em megalitos foi o que quer que fosse que poderia chamar-se semi-dólmen: a) é uma lasca que poderia ser colocada artificialmente. Indício de construções só há algum aqui ou ali para o lado do Sudeste, por onde a povoação desceu. Daí o terreno desce em ladeira, mas suave, e a muralha falta; mas provavelmente há-a soterrada, se bem que não seja fácil saber para onde foi a pedra que devia andar avulsa à superfície, porque por perto não há muitas paredes. Fragmentos de barro vi poucos, mesmo numa sorte de mato roçado. Os que vi são muito antigos, lisos; e não encontrei sinal de telha. Vi um pedaço de escumalha de ferro.

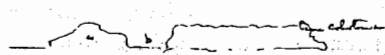
Urge pedir algumas informações. O aspecto de tudo pareceu-me indicar ali uma estação Sabrosina. Descendo o monte, na direcção do sul, para me meter na estrada de Famalicão, e já ao começar a planície vi um bocado de telha com bordo, perto de um rego de água. Rlou de cima? Duvido muito. A povoação ficava já muito longe e a direcção dos enxurros não podia ser para aqui. Pelo caminho já chão, encontrei mais fragmentos de barro antigo e um pedaço de tijolo. Evidentemente todas estas relíquias pertencem a uma povoação da planície, que fica por perto da Capela da Senhora do Barreiro. Esqueceu-me perguntar pelo nome do lugar. O Monte de S. Miguel (em França S. Miguel substituiu — diz o arquólogo — Mercúrio) está destacado por todos os lados. A vista é esplêndida. Para Norte (Braga) a cordilheira da Falperra <sup>(206)</sup> tem uma solução de continuidade. Na largura por aí de 600 metros há uma que-

(206) A Falperra é um maciço orográfico que separa parte do concelho de Braga do de Guimarães. Tem 830 metros de altitude máxima. Foi em tempos idos um lugar tenebroso, velha-couto de saltadores que aterrorizavam os viajantes.

brada que dá um horizonte longínquo de um efeito muito pitoresco. Era por aí que seguia a antiga estrada de Braga. Não se vê porém nenhum edificio de Braga, enquanto se distingue quase toda Guimarães. (25.4.79).

*Antiga Estrada Braga Guimarães*—No Museu Ilustrado, o Camilo dá-nos algumas notícias antigas, extraídas de um manuscrito do séc. XVII. Aí se diz que a «Estrada de Braga a Guimarães» saía pelo postigo «que hoje se chama de S. Sebastião» e pela porta chamada a Cividade «nome corrompido da saída da cidade (é boa)», ia ao Monte da Pena, procurava a Ponte de S. João (207), passando primeiro por Esporões e Brito. Assim a Estrada da Falperra é posterior ao séc. XVII. Uma mulher, adiante de Vila Nova de Sande, confirmou-me que caminho que eu segui, até torcer à esquerda, atravessando um pequeno monte com um marco geodésico, cujo nome ignoto, era a estrada de Braga a antiga.

Dizendo-lhe que me parecia mais directa que a da Falperra, respondeu que seria, mas que o caminho era muito mau — que nunca lá se chegava.



- a) Monte isolado, a poente de S. Miguel.  
b) Quebrada, por onde passava a antiga estrada de Braga.

*Vila Cós (Santa Eulália de Fermentões)* (208)—Antes de ir ao monte de S. Miguel hei-de ir a Ventusela. Já uma outra ocasião, que passei por este caminho, no ponto dela a norte da Igreja pareceu-me ver pedaços de barro antigo. Na bouça que depois soube ser de Serzité e pertencer aos Castros, do Tournal, bouça que se estende quase, até ao portal da Quinta do Paço, da Maria José, e pega com a minha, fiquei surpreendido de ver nas covas em que há pouco haviam sido plantados alguns carvalhos fragmentos de telha com rebordo em abundância. Disse-me depois o Formigosa que é porque por ali e estendendo-se pelo monte houve uma vila antiga, aparecendo tijolo, por muita parte ali na

(207) A Ponte de S. João também conhecida por Ponte de Campelos, fica situada na freguesia de S. João da Ponte. É uma linda ponte de 4 arcos, em granito com um robusto talhamar e a cantaria almofadada. Segundo Martins Sarmiento a sua construção é romana.

Pela sua curiosidade transcrevemos o artigo publicado por Camilo Castelo Branco no Museu Ilustrado, I Vol. pág. 200.

«O Caminho de Braga para Guimarães e Porto era pelo postigo que hoje se chama de S. Sebastião; descia por entre as casas de António de Macedo; daqui ia ao Monte de Penas, procurava a ponte de S. João do Rio Ave, passando primeiro por Esporões e Brito. A do Porto levava o mesmo principio, e se apartava da de Guimarães para o poente e ia passar o Ave à Ponte de Lagoncinhos. O sítio por onde ia a estrada logo ao sair de Braga se chama ainda «a Cividade» nome corrompido de «saída da cidade», por ser aquela parte um declive que desce muito.

D. Diogo de Sousa abriu o caminho que hoje se chama «as cónegas» que depois tomou aquela denominação por que as primeiras casas que ali se edificaram foram térreas onde hoje é o quintal de Pedro da Cunha, e nelas moram três irmãs dum cônego, e por isso eram chamadas «as cónegas»; e como eram mulheres de préstimo, boa vida e capacidade, se dizia: vamos falar às cónegas, etc.»

(208) Santa Eulália de Fermentões, freguesia do concelho de Guimarães, dista desta cidade 4 kms.

nossa bouça, e monte para o pinhal pegado ao Paço. Que na nossa bouça havia um penedo com letras, que se quebrou a fogo para as paredes nas Courelas (!). (É possível, espreitando bem as paredes, dar com alguma letra ou restos de algum sinal). Que por cima do Paço havia ainda outro penedo com letras. Que numa parede do Paço apparecera um pedaço de ouro, e que o Salgado, feitor da Ribeira, já por ali andara com um livro (de S. Cipriano, de certo). Que era tradição haver por aí dinheiro e corria o seguinte anexam: «Entre S. João e Santa Olaia de Fermentão está um dornão, procurem a mina e achá-lo-ão».

A mulher dele há anos indo pelo caminho e uns homens viram uma cara talvez, de certo de pedra; que os homens levaram. Ela conhece os homens e incumbiu-se de me saber disso. Lá irei com vagar. É onde se veio anichar uma população antiga. Num lançamento do livro de Provisão da Câmara, A Fermentões chama-se Fora-Montanos.

*Vila Cós*—Fui hoje examinar melhor o que poderia haver por Vila-Cós principalmente o tal penedo das letras. Matei-me com o Formigosa <sup>(209)</sup> a procurar o tal penedo. Nada; nem o velho caseiro do Paço sabe disso. Corrigiu ele o anexam. «Entre Silvares <sup>(210)</sup>, Santa Olaia <sup>(211)</sup> de Fermentão e S. João». É aonde é pegado o muro da entrada do Paço à esquerda, e ângulo é limite de Silvares, Santa Olaia e S. João. Onde marca Santa Olaia, e numa bouça que pertence ao Tomaz dos Cães, já andaram desenterradores do dornão, de noite. Viram, porém, sair tantas cobras que fugiram. Daí, do sítio onde eles escavaram, para o caminho passa uma mina. Indo pelo caminho e perto da mina, a mulher do Carvalhosa viu uma cobra em Dezembro. Era de certo a moura.

O caseiro do Paço encontrou num campo (no ângulo supra) um pé de moinho de mão, e que eu vi. A cabeça appareceu na cova, de onde se desenterrou o carvalho, e onde eu vi muita telha. Foi o ano passado. Hei-de mandar dar ali duas cavadelas. A mulher que a levou para casa diz que a cabeça desapareceu. «Vila Cós» é todo aquele sítio. O penedo com letras, na minha bouça é abaixo da do Castro, e diz o Formigosa que se lembra de ver um M grande um O, um V, não mencionado, já se vê, as letras seguintes. A povoação, como se vê, descia para o lado da ribeira de Toriz. Houve-a algum dia no altó? No penedo onde está o telégrafo (marco miliário) <sup>(212)</sup> disse um moleiro que ali appareceu, e noutro penedo próximo se dizia. — Que um tinha ouro, outro a peste — que ali ninguém aí quebrava penedos. Na retirada fui por lá e verifiquei que já aí se tinham quebrado penedos. Na encosta para o lado da Covilhã, num mato roçado pareceu-me ver pequenos (e raros) fragmentos de barro velho. Descendo da Covilhã, e já no caminho plano vi fragmentos de telha

(209) Formigosa deve ser alcunha. Formigosa é nome de lugar da freguesia de Silvares.

(210) Silvares, freguesia do concelho de Guimarães a 4 kms desta cidade.

(211) Santa Eulália popularmente também chamada Olaia ou Ulaia.

(212) Quereria dizer marco geodésico?

romana. Se arrancada dos campos vizinhos, ou trazida de outra parte não sei. Houve no alto uma velha «briga», que depois se dividiu na planície, por duas ribeiras? (26.4.79).

*Mesas de Pedra...* (213) *numa mina* — (S. Martinho de Candoso) (214). Conta o Formigosa o que consta do título, diz que viu com os próprios olhos. Pediremos melhores informações. (Idem).

*Citânia* (S. Fins de Ferreira) (215) — Anteontem (216) fomos a Roriz, e ontem eu o Manuel (216) à Citânia. O nome popular não é sempre o mesmo, uns chamam-lhe «Cidade» e a um roçador de Eiriz ouvi chamar-lhe «Cidade da Citânia». As ruínas são inegavelmente mais pequenas que as de Briteiros. Tinha apenas uma ordem de muralhas, cujo cerco é muito visível, embora aqui e ali houvesse como algum laço mais extraordinário reforçando a defesa em alguma quebrada. Para o lado do poente as construções parece terem abundado mais que por outra parte, talvez porque a pedra fosse menos saqueada deste lado. Distinguem-se ainda construções quadradas — obtusas, circulares, e algumas circulares ligadas com quadras — linhas de paredes indicando obscuramente ruas. A escavação do lado do poente, onde o Manuel fez muitas pequenas tentativas deve ser impertinente por causa da muita pedra, como nos piores sítios da minha Citânia. Fragmentos de barro poucos, mesmo nas escavações do Manuel. Não vi sinal de telha romana. É estranho porque só muito longe — a 1/4 de légua, é que há terreno agricultado. Fora os montões de pedra, a inspecção das ruínas é de uma esterilidade grande, porque nem sinais gravados em lages há; mesmo as covinhas duvidosas, e aparecem isoladamente. O monte não era muito precipitado, e não parece estremamente bem escolhido. Há sinais de entrada para a fortaleza, que segue em calçada do tipo das da Citânia (217), mas que parece não irem longe. No «Penedo da Lua» que assim se chama — diz o Manuel por tê-lo ouvido a um roçador, por ter uma figura gravada, não reconheci tal figura como natural: a) É a parte superior do penedo, onde há uma como gamela natural, já num rebaixo, que talvez o não seja é que faz lembrar em parte a «Cadeira do Diabo» em Garfe (218) (aqui é pequeno o penedo, em relação ao outro um décimo ou mais); mas em b) há uma pe-



(213) Martins Sarmento tinha uma caligrafia de difícil leitura. Certas palavras foram impossíveis de decifrar.


(214) Vide nota (186).

(215) A Citânia de S. Fins é uma das mais importantes estações arqueológicas portuguesas. Situada no concelho de Paços de Ferreira, a 7 kms daquela localidade, foi em tempos explorada pelo P.<sup>o</sup> Eugénio Jalhay e pelo Tenente-Coronel Afonso do Paço. As últimas campanhas de escavações têm sido modelarmente dirigidas pelos Doutores Armando Coelho F. Silva e Rui Centeno.

(216) Manuel Marinho de Castro Falcão, sobrinho de Martins Sarmento (Rev. de Guimarães, vol. LXXX, pág. 14, nota 10).

(217) Citânia de Briteiros.

(218) Cadeira do Diabo em Garfe (Rev. de Guimarães, vol. LXXX, pág. 23).

quena cavidade que se diria um estribo para subir para cima, e sentando-se a gente na cavidade, repousa o calcanhar na cavidade estribo muito comodamente. O penedo fica na muralha, podendo subir-se para ele facilmente, e daí descobre-se para longe na direcção do poente para onde fica o monte Córdova que segue quase à beira da estrada de Guimarães a Santo Tirso. O penedo é de vigia? É o que parece. O nome Penedo da Lua <sup>(219)</sup> é extraordinário. O sinal que fica em C é pouco mais ou menos isto:  mas os sulcos parecem-me gretas da pedra e não acusarem trabalho algum humano (G). Um sinal quase idêntico em tudo que vira podendo despertar uma suspeita existe já para o lugar dos «Penedos Rajados» de que logo falarei. Era neste sinal que o Manuel quiz ver os dois círculos tangentes; mas inegavelmente não há aqui os verdadeiros círculos, e entendo que tudo isto é um capricho da natureza. Para sudoeste (?) da Citânia há o «Picoto do Pai» (a) e o «Monte da Cabana». Ninguém deu explicação principalmente do primeiro e que muito interessava.

A Citânia deve ser muito antiga e duvido do aparecimento das moedas romanas, de que falava o Coelho de S. Fins. Já fora da muralha e para o lado do poente há uma grande laje com um buraco de palmo forçado de diâmetro e de profundidade desconhecida, porque à profundidade de 5 palmos o muito se vê atulhada de lascas de pedras. Os procuradores de tesouros já atacaram a grande laje por um dos lados para ir ao fundo: a) buraco; b) espécie de mina na base da laje para cortar o buraco. O singular é que esta cavidade é um pouco oblíqua, e dir-se-ia mais uma corrosão, em virtude de causa química, ou outra coisa; no entanto o grande lajão «in situ», é duro, liso e são. Neste buraco é que assentava a estátua a fiar na roca que não pude ir ver, por ficar muito longe o seu proprietário actual.

Para sul da Citânia e já em Eiriz ficam os «Penedos Rajados». Não souberam dizer os roçadores que encontramos o porquê destes nomes. São penedos, alguns curiosos de bom granito; mas não tem «rajas», nem malhas salientes. Um deles parece atirado pela acção glaciária. Um grande lascão que assenta num deles é «balouçante» ligeiramente. a) lascão balouçante de 3,70 pelos dois diâmetros (supondo ser quadrado) e de 1 m saliente sobre a base b), formando um tecto.



A poente dos «Penedos Rajados» fica o «Monte de Rujel-Fria». A sudeste, para o lado da Igreja de Eiriz a «Pedra Torta», que vi de longe e onde não fui por ser longe. A figura dela pareceu-me corresponder mal ao esboço do Manuel.



(219) Vide Revista de Guimarães, vol. LXXX, pág. 57.



Figurou-se-me:  
«Penedo do Si-  
que a outra,  
posição da ou-  
divertimento



do Sino» porque balouçando-a fortemente bate no penedo sobre que está. Admira que ainda a não fizessem rolar do sítio. O que vale é ela ser chata, e só removível com alavancas. Vê-se que há pouco a dizer da Citânia. A «Fonte da Moura» fica também a nordeste e fora das muralhas. É um bom borbotão de água, que nasce na raiz do monte da Citânia (este é já um monte sobre montes), à superfície do solo, mas uma escavação encontraria talvez ali vestígios de alicerces de alguma construção.

Coisa verdadeiramente curiosa é a inscrição da Bouça de Fervença<sup>(220)</sup>. Fica também a nordeste da Citânia, talvez a 600 metros dela, e no meio de um pinhal. O terreno é plano e um pouco húmido. O penedo é sobre o oval, de 3 m no seu diâmetro mais comprido, e de 1,5 de altura; mas tem raízes profundas. Não temos orientação, numa das cruzes que se vêem, uma maior de 0,27, para o lado da Citânia, e outra de 0,10 para o lado oposto — a primeira na superfície, a segunda já no lado — pouco mais de um palmo acima do solo. Na parte que vira para o nascente, pouco mais ou menos lê-se:

C. Q. S. W. A. E



Observações. Na primeira linha tudo é distinto: as letras estão bem gravadas e tem talvez 4 ou 5 mm de gravado, e 3 de profundidade.

A dúvida está na última letra da ligadura.

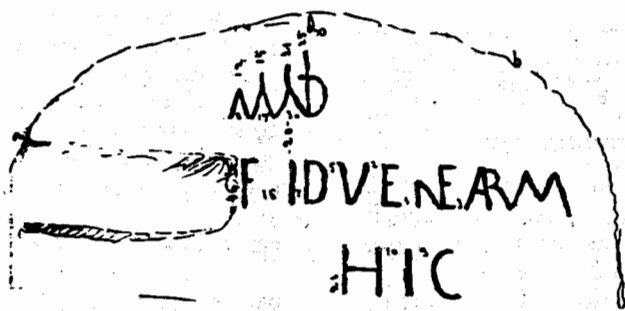
A última letra é um E ou um F? Haverá muita dúvida, porque o travessão último do E não se distingue.

Na 2.<sup>a</sup> linha, a primeira letra é um H? Muito duvidoso também. A pedra está lascada entre a primeira e a última letra, mas a falha parece ter nascido de uma causa natural, embora depois de gravada a inscrição; mas o travessão do H deveria ser mais distinto para o lado da falha — ou melhor — distinto, porque o é não é nada, senão na ligação. O que faz agora duvidar, que temos **H** — quer dizer o começo de um traço, que todavia se devia ser apenas um **H** ponto como em S. Antes de S o ponto é realmente ainda mais distinto, que adiante do **H**. Em todo o caso como .....?

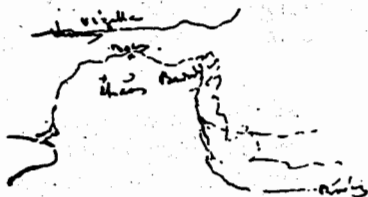
Impossível. Para o lado do **H** nascente fica a outra inscrição:

a) Porque levavam para ali os homens velhos (pais). «Não me leves mais adiante porque aqui trouxe eu meu pai» — disse um; e assim acabou o costume (disse um filho que voltou com o pai para casa). Levava-o num carro.

(220) A leitura destas duas inscrições, segundo Mário Cardozo, no Catálogo de Epigrafia do Museu Martins Sarmiento, 3.<sup>a</sup> edição, pág. 35 é a seguinte: NUMINIB(US) FIDUENEARUM / / HIC COSUNEAE F [idem]S (olvit). (Aos poderes divinos das Fidueneas (NINFAS?) aqui (se pratica o culto). A Cosunea, cumpriu a promessa.....)



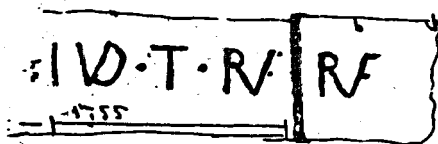
Observações. Tudo distinto, e excelentemente gravado. Na ligadura D, o que se figura ponto era de certo continuação do traço do D. A primeira letra da segunda linha é a mais embirrenta. O travessão superior está mais que muito apagado, o do meio um pouco menos; mas apesar disto a leitura a não ser F, como também leu o Bispo de Uranopolis, seria I. A falha da pedra que precede esta letra foi também uma escoriação natural e eu entendo que a inscrição está completa. Em *a*) é a cruz pequena +, em *b*) a maior +. Não tem orientação nenhuma delas.



*Inscrição de Bocas* (221), *Lugar da Bandeira, Chãos*.—É uma espécie de promontório, que pega com o Facho, Monte de Santa Margarida, ligando estes com o Monte do Fojo Citânia. O promontório, cujo eixo vem em direcção do nordeste procurando o Vizela, é cheio de grandes penedos e lajes. Senão todo, parte, e principalmente as lajes das inscrições pertencem já a S. Martinho do Campo (222). A primeira fica no lugar das Bocas—já num campo.

(221) Vide Revista de Guimarães, vol. LXXX, pág. 15 e 16.

(222) S. Martinho do Campo é uma freguesia do concelho de Santo Tirso e dista 14 kms. da sede do concelho.

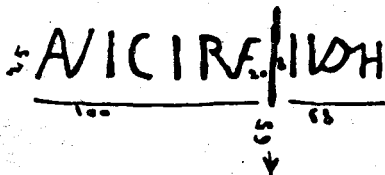


Observações. A laje é pequena e «in situ».  
 b) É a mesma laje, mas naturalmente mais elevada coisa de 1,5 polegada. Quer-me parecer que as ligaduras do em 6) são repetição das anteriores, **RF** que algum curioso renovaria, por julgar as primeiras pouco distintas. O que o persuade é que estes caracteres que pretendem ser a imitação dos primeiros tem o gravado mais moderno, como se vê no brilho das pedras, quando se lava, em comparação com os outros, que tem o aspecto baço e escuro.

Na primeira mal se distinguem os travessões do F (?), nos segundos são distintos. São em grandes caracteres, e fundamente gravados. Dizia o dono (o Laranjeira), que não parecia nada tolo, que mais para nascente havia outra inscrição e, como ele dizia lembrar-se das letras e saber escrever, pedi-lhe que me a escrevesse na carteira. Escreveu-me: TXAN. T. A escreveu a, mas fazendo-lhe eu uma observação, disse que talvez fosse A. OX já se vê que também é trocado. Fomos mais acima ver a outra inscrição, que fica distante da primeira coisa de 500 passos, mas já para o outeiro. Está num lajão que pega com outros e tem para cima, todos eles, coisa de 50 ou 60 palmos—*in situ*, e quase planos.

A inscrição diz:

Observações. A linha recta entre a inscrição aponta para a inscrição de Bocas e com a qual além disso tem uma correspondência de nome notável. Os caracteres estão bem distintos. Debalde procuramos sinais nas lajes.



Há porém por ali tradições de penedos com dinheiro, um já quebrado que tinha a marca de uma ferradura, ao pé de um alpendre do brasileiro—demandita, outro que já trataram de quebrar. Há fragmentos miudíssimos de barro tanto para a vertente de Vizela, como para a oposta. Por ao pé do Bocas existe um falaiate que diz saber de penedos divididos com letras. O alfaiate sabe tudo. Não estava em casa, mas ficou ao cuidado do Manuel.

*Bilhas em Moreira* (223). O Manuel tinha em casa e mostrou-me uma das bilhas. A louça parece antiga, mas talvez não seja antiquíssima. O Laranjeiro assistiu ao desaterro e estava a descansar a comer.

Apareceram ao pé do Outeiro de Moreira, junto ao «Lugar da Moura» (Freguesia do Moreira) num patamar que forma hoje a estrada de Guimarães a Santo Tirso. Só num sítio segundo ele diz apareceram mais de 60, todas, jun-

(223) Moreira de Cónegos, freguesia do concelho de Guimarães fica a 11 kms. desta cidade. Algumas destas bilhas e pratos encontram-se actualmente no Museu Martins Sarmiento.

tas, quando se abria o leito da estrada, numa espécie de vala que não diz se era forrada de pedra, de meio metro, ou pouco mais de largo e 3 de comprido.

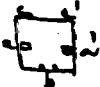
Gaguejou que algumas tinham terra negra. Apareceram também pregos de ferro muito estragados. Como parece supor as vasilhas estavam em caixão de madeira, de certo havia caixa de pedra. Algumas teriam flores estampadas, outras eram vidradas, mas o vidrado safado. Apareceram alguns pratos de palmo reforçado de diâmetro com uma saliência no meio!

Este lugar é digno de exame, e, quando for à Senhora do Monte, o que não tardará, vou lá vê-lo. A respeito de objectos de vidro, o homem gaguejou.

*Monte da Fornalha* (1 de Maio). Nada, nem o Monte se presta a coisa nenhuma. A garganta da Abação separa a Penha dos Montes de S. Faustino de Vizela, como a garganta de Paçô a separa de Santo Antonino. Da vertente nascente da Penha descobre-se até o Marão, e a vista é esplêndida. Para o lado nordeste Fafe.

*Creixomil—Bugalhós*—Fui hoje ver as antigualhas que me tinham noticiado haver perto do Monte de Santo Amaro<sup>(224)</sup>, numa propriedade do Francisco de Bugalhós. Em três ou quatro campos há pouco esmontados e numa bouça encravada neles, que pegam com o Monte de Santo Amaro, e descem para as Lameiras aparece muita telha romana com rebordo. Há além disso construções soterradas—quadrados de 15 palmos em quadro, com o pavimento de barro de grossura de quatro dedos assentes em cascalho, vi coisa de cinco palmos deste pavimento «in situ», à profundidade de metro, e soltas algumas pedras, arrancadas de qualquer parte. São todas pequenas. Não apareceram bilhas com terra negra dentro, nem coisa que o valha, segundo afirmou o Francisco.

Quando era criança—achou—diz ele—uma moeda de ouro com letras gregas que vendeu por 3.000 réis e dois pintos. Creixomil, propriamente dito, fica na raiz do Monte de Santo Amaro, e provavelmente foi o nome mesmo do Monte como supus já há muito. No Monte, nem vi fragmentos de barro nem sinais em rochas. Perto da antiga Igreja de S. Tiago de Candoso há uma fonte que brota do chão, e fica dentro de uma construção cuja planta é



quadrada a e a 1) um arco um quase nada abatido, b) porta sustentando na direcção a c, e a 1 c 1) padieiras que lhe formavam um tecto, e alguma das quais já partiram, com o peso da terra e árvores que lhe nasceram em cima.

(224) No Monte de Santo Amaro realizou o autor destas notas uma pequena campanha de escavações em 1970 (Revista de Guimarães, vol. LXXX), cujo resultado foi bastante significativo. Encontrou-se cerâmica grosseira, fina, terra sigillata hispânica (um dos vasos com uma marca inédita, de oleiro), moedas romanas do séc. I a IV, uma bela fivela anelar em bronze, etc. Alguns anos depois, numa casual visita ao local, encontramos alguns fragmentos de cerâmica feita à mão com uma decoração típica da Idade do Bronze. Todos estes achados apontam para uma ocupação humana antiqüíssima, daquele local.

A água dá para uma poça, mas tem poça, nem o sítio, que é uma espécie de algar entre campos tem nome. Pertence à propriedade chamada de Monsul (antigamente Castelo de Monsul), e supunha o Padre João (225), filho do Jacinto de Bugalhós, que era o meu cicerone que seria uma casa de fresco a tal construção, pertencendo à quinta. Quase defronte fica a Casa da Torre (S. Martinho de Candoso), torre que já há muito desapareceu. A construção é antiga, mas não absolutamente. Numa propriedade que tem o António Costa, perto da Senhora da Luz (226) é que há soterradas as duas colunas, de que falou há tempos o Francisco António da Silveira. Indagaremos.

As explorações que o Governo (?) tem mandado fazer nas Grutas de Sintra, nada deram. Em Cascais, bons resultados, parece. Encontram-se armas de pedra. (4 de Maio de 79, Actualidades).

O rei do Daomé, nas festas que faz, manda cortar cabeças dos seus subditos e dar de beber o sangue das vítimas aos espectadores. Os indígenas escarneciam os portugueses que recusavam com repugnância tal bebida (Luta de 5-5-79).

*Senhora do Monte* (227). — Fui hoje ver este Monte que se destaca dos vales e tem uma soberba vista, e onde me disseram haver casebres arruinados.

Nada vi disso, mas alguns fragmentos de barro pareceram-me antigos. Como porém os devotos deixam nas romarias muitos cacos, isto desde há muito tempo, estes vestígios são suspeitos. Já o não são tanto na vertente de sudeste, na linha de Vizela, e do outro outeiro cheio de pinheiros que fica a sul da igreja nova de Nespereira (228). Alguns grupos de penedos são curiosos; e num outeiro a sudeste do monte principal, os penedos têm um aspecto antigo e liso, parecendo de um granito muito xistoso. Vestígios evidentes só os supra mencionados (6-5-79).

*Monte de St.<sup>a</sup> Pára.* — Fui hoje em busca da cidade Eufrásia, para Fareja (229). Esplêndida vista para o vale de Vila Nova das Infantas (230). Por muito que espreitei pelos outeiros, ao longo do vale, nada vi. Chamou-me a atenção um outeiro coberto de pinheiros. Soube depois que tinha o estranho

(225) Padre João Gomes de Oliveira Guimarães (Abade de Tãgilde) notável historiador vimaranense. Nasceu em 1853 e faleceu em 1912. Autor de numerosos trabalhos históricos sobre Guimarães dos quais se destaca «Vimaranis Monumenta Historica».

(226) Senhora da Luz é um lugar da freguesia de Creixomil, Guimarães.

(227) A Senhora do Monte fica entre a freguesia de S. Jorge do Selho e S. Miguel do Paraíso no concelho de Guimarães.

(228) Nespereira é uma freguesia do concelho de Guimarães e dista desta cidade 6 kms. A igreja nova fica quase à face da estrada nacional de Guimarães a Santo Tirso.

(229) Fareja é uma freguesia do concelho de Fafe distante desta cidade 6 km. Até 1853 pertenceu ao concelho de Guimarães.


(230) Vila-Nova-das-Infantas é uma freguesia do concelho de Guimarães situada a 9 kms. desta cidade.

nome de St.<sup>a</sup> Pára. Fica-lhe ao pé a Quinta do Capêlo pertencente ao R. Menezes. O monte não tem um único fragmento de barro. Está porém excelentemente situado para uma «briga». Há lá um penedo grande, com uma gruta muito suspeita e que pedia uma pequena escavação. Mais para nordeste deste outeiro há outros com muitíssimos grupos de penedos. Um destes grupos formam grandes cavernas, que dão para uma lage grande, onde se seca milho. As cavernas são aproveitadas para alpendre: há muitos dentro delas, uma parte são ladrilhadas.

Perguntando pela cidade antiga, disse-me o interlocutor que ficava no vale e tem com ela relação, parece, Vila Nova das Infantas (7-5-79).

*Fafe — St.<sup>o</sup> Ovídio — Penedo de St.<sup>o</sup> Entrudo — Outeiro das Freiras — Outeiro do Cú do Cão — Penedo da Pegadinha.*

No dia 10 (sábado) fui a Fafe. O receio da chuva só me deixou ir de tarde, saindo de Guimarães às 3 horas. Não falta por ali que ver.

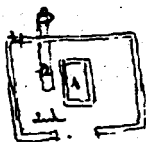
*Monte de St.<sup>o</sup> Ovídio.* — Era uma pequena fortaleza do tamanho de Sabroso, num outeiro isolado e abrupto pelo lado poente. Passa-lhe nas faldas o ribeiro de Cavaleiros, que toma diferentes nomes, conforme os lugares que atravessa e reunido já ao Calvelos, tem, quando passa na ponte sobre a estrada de Guimarães o nome de rio Bouças. A capela de St.<sup>o</sup> Ovídio<sup>(231)</sup> com a sua escadaria e patamares tem desfigurado um pouco o outeiro. A única coisa que vi de antigo foram pequenas covinhas nas lajes, e aqui e ali vestígios raros de alicerces de construções. Mas os achados quando se fizeram as obras foram importantes. 1.<sup>o</sup> — No largo que precede o lanço de escadaria que leva ao alto da capela, à esquerda apareceram mós de mão, e telha romana; à direita e já ao lado do primeiro lanço de escadas, parapeitos de pedra, grande porção de balas de pedra, carvão, tijolo e muitos fragmentos de barro preto. 2.<sup>o</sup> — No largo onde está a capela, apareceram várias moedas de cobre, algumas do tempo de Antonino<sup>(232)</sup>, segundo decifração do Pereira Caldas<sup>(233)</sup>, e, segundo diz o Albino algumas moedas (moedas de mais de polegada e meia de diâmetro) e que um brasileiro levou para o Rio. 3.<sup>o</sup> — O achado mais importante foi feito ao lado esquerdo da Capela na direcção de sul a norte. Era uma espécie de mina que ficaria a 2,50 m do pavimento actual (o planalto onde fica a capela é artificial) e pouco mais de um, de certo, na ocasião da descoberta. Mina que tinha na boca uma tampa quadrada, de pedra, ornamentada, não sabendo o Albino dizer a espécie de ornamentação. Dentro apareceram muitos vasos de barro branco com cinzas e falanges de dedos, facas e traçados de ferro, fundas com o assento de ferro, e correias que se desfaziam a) ferro; b) b, b') correias de 

(231) A Capela de St.<sup>o</sup> Ovídio foi edificada em 1871.

(232) Antonino Pio (138-161 d. C.).

(233) José Joaquim Pereira Caldas, 1818-1903. Notável historiador natural de Vizela, foi professor no Liceu de Braga.

couro. Os pedreiros entretinham-se a jogar com estas fundas as balas de pedra. Tudo foi destruído. A tampa ornamentada e balas foram para os alicerces, as urnas cinerárias inteiras foram quebradas e dissipados os cacos. Parece que a mina ainda continuava para fora do paredão e é possível tentar uma pequena exploração <sup>(234)</sup>, pouco dispendiosa:

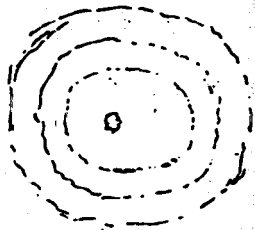


1) capela; 2) mina sobre qual está o adro actual com 2,50 m de entulhos novos; 3) continuação da mina para fora do; 4) paredão de 2,50 m. A sul nas faldas do morro é que apareceu a estátua Galaica, ao escavar num corte.

*Penedo de St.º Entrudo* (também Penedo do Mocho)—Avista-se o morro já de St.º Ovídio e dista dele um quarto de légua para sudoeste. É o chamado «Dólmen de Cepães» mas o morro ainda pertence a Fafe, salvo erro, mas a freguesia de Cepães que se estende até ao monte de St.ª Pára começa ali perto. O morro não é artificial. Os penedos centrais foram todos quebrados e o único que resta já levou um tiro que lhe destroçou a parte superior. Um lavrador que interrogamos, por ser velho, e devia contar alguma coisa boa, mas só nos disse que se chamava o penedo de St.º Entrudo, e uma rapariga ao pé dele deu-lhe o nome de penedo do Mocho; mas tudo isto se combina talvez, com a probabilidade de haver mais que um (Penedo do Mocho havia um Pedralva <sup>(235)</sup>, e tinha este nome por causa da cavidade onde cabia um mocho). O lavrador gaguejou sobre se os outros penedos formavam com o ainda existente alguma caverna; mas um dos penedos, diz ele tem cruces (insculpidas)—o actual nenhuma tem, nem sinal visível.



Uma exploração era tentadora, e o maior trabalho era rolar para o fundo do pequeno morro os calhaus partidos. Se havia ali um «Dólmen» duvido; mas o que parece ter havido com certeza é um «Cromlech» pelo menos triplicado. Três ordens de fiadas de pedras distinguem-se menos mal, distanciadas umas das outras coisa de 2 metros e regularmente assentes em falhas largas. Limpando tudo, a construção podia desenhar-se talvez, reconstituindo mais os grupos dos penedos, pela raiz que eles deixaram. A figura central é o penedo de St.º Entrudo; as linhas circulares as fiadas do «Cromlech». A base do morro terá pouco mais ou menos 30 metros, fica num lugar agreste e solitário.



*Outeiro das Freiras*—Um terço dali, em relação à distância do monte de St.º Ovídio aqui, fica o Monte das Freiras. É tradição ter havido aqui um

<sup>(234)</sup> Há poucos anos tiveram lugar algumas campanhas de escavações, na vertente do monte, que infelizmente não tiveram continuidade.

<sup>(235)</sup> Vide Revista de Guimarães, vol. LXXX, pág. 35.

convento de freiras. Antes de lá chegar vi porque dava aqui o caso de set a tradição a inimiga da história. O outeiro é alto e solitário. Como vieram viver para aqui freiras? A coisa explica-se em parte desde que se saiba que apareceu aqui a Senhora de Antime (236), que tem ainda um menino nos braços. É um ídolo (237), e como apareceu também muita pedra de construção, havendo mesmo uma casa em Fafe, edificada com pedra que de ali veio, supôs-se de certo que houve ali convento. Mas porquê de freiras? É preciso lembrar que na Lapadela do Barral (238) se dizia ter havido uma freira. Há aqui ilusão mitológica? Talvez. Examinando o outeiro não vi plana nenhuma onde pudesse assentar convento, nem vestígios de alicerces que ele devia ter deixado. Mas há, um pouco apagados, vestígios de pequenas construções, e uma pareceu-me acusar uma forma circular. Num dos penedos vi uma «Coupele» larga.

Há fragmentos de barro; mas pouco característicos, e mal observados, porque era já sol posto. Para sudeste o monte é bastante alcantilado, e ao fundo entre ele e o rio (Ranha) fica o «Outeiro do Cú do Cão», todo composto de pequenos penedos. O nome vem-lhe da sua forma, ou há aqui uma explicação de nomes (cú) (cow) = cão? Em suma o que eu inferi foi que o «Outeiro das Freiras era um outro pequeno forte. O rio Ranha (Ran, Rhan?) passa a pouca distância na direcção nordeste sudeste. É possível mesmo que as tradições que há por ali, e que vou pedir ao Albino para me individualizar melhor sejam uma página de uma alta antiguidade. Eis o que me lembra.

Quando levaram o ídolo para Antime, que fica na margem esquerda do rio Ranha, os de cá protestaram e quiseram roubá-la (se ela não desaparecia por si mesma). Entrou-se depois numa combinação — no dia da festa e romaria, a Senhora tem de passar o rio e estar algum tempo do lado de cá. No fogo há uma outra alusão a estas rivalidades de vizinhos. Faz-se um castelo de fogo (239) numa margem e outro na outra margem, e que num trinca-fio vem a arder ambos. Isto aludiria a guerras antigas. O trinca fio vem do lado de Antime, mas depois torna para lá — o que o pai do Albino não sabe explicar. Quer dizer que a vitória ficou aos de Antime? Esta costumeira é velhíssima — dizem. É bom esmiuçá-la.

*Penedo da Pegadinha* — Indo do Outeiro das Freiras para Fafe, e portanto a nascente daquele ficava o Penedo da Pegadinha, já numa chã a 500 ou 400 metros do outeiro. Fizeram-no em astilhas. Continha, segundo diz o Albino uma pegadinha que era do Menino, e outra maior que era da Senhora de Antime, uma ferradura, um tacho (?) e uma bengala (?).

(236) Antime é uma freguesia do concelho de Fafe, dista desta cidade 2 kms.

(237) A estátua é em mármore e está bastante mutilada. Enxertaram-lhe dois braços em madeira, e colocaram num deles uma imagem do Menino. A cabeça foi arranjada e pintada. Está vestida com uma roupagem de seda apresentando todo aquele conjunto um aspecto bastante estranho.

(238) Vide Revista de Guimarães, vol. LXXX, pág. 28.

(239) Esta tradição dos castelos de fogo caiu há muito em desuso e só algumas pessoas mais idosas se recordam, vagamente, deste costume.



*Capela de N.ª Senhora do Socorro*—Não fui lá; fica a nascente de Fafe e dizem ser muito antiga. Uma das curiosidades são uns baixo-relevos numa campa, onde se vêem um alforge, uma gaita de foles, e não sei que mais. Isto aludiria, diz-se, ao edificador da capela, que foi um mendigo.

*Igreja dos Mouros*—*Freixo*—*Marco de Canaveses* (240)—O José Maria diz-me que ao pé do sítio onde apareceu o marco miliário (241), há um outeiro de onde o Pereira diz terem sido tiradas pedras que compõe hoje as paredes das vizinhanças, e que mostram haver pertencido a construções antigas. No alto há restos de uma construção, e que o povo chama «Igreja dos Mouros». Além de ser muito estranho o nome, impera saber o nome do santo orago da capela. Outra singularidade. Não há por ali fonte, senão a um quarto de légua de distância. A água é toda de poços. O outeiro e lugar chama-se Freixo.

*Segade*—*Cidade de St.ª Eufémia*—*Castro* (242)—Fui hoje (15-5-79) examinar alguns outeiros para lá do Ave e principalmente o «Castro» cujo nome era significativo. A passagem por Barco (de onde vem o nome de S. Cláudio do) sempre me tinha suscitado a vaga ideia de que nesta linha devia haver o que quer que fosse. Acima da casa de Segade, e pouco antes de acabar a subida encontrei uma asa cilíndrica, como a da Senhora do Monte. Não duvidei da sua antiguidade; mas estranhei o achado. Alguns passos mais, fragmentos de tijolo grosso, e em seguida um pedaço de telha com rebordo. Acabada a subida, e chegado ao pé de um grupo de três casas que há ali, ainda mais tijolo. Perguntei a uma mulher se aparecia daquele tijolo pelos campos. Respondeu que sim e que o que se via apareceu ao abrir covas para os carvalhos que me apontou no caminho, e acrescentou que se dizia ter havido por ali a «Cidade de St.ª Eufémia». Procurei pelo outeiro da direita—nada de novo. Pelo da esquerda, logo a sul e sudoeste da Igreja, aparecem fragmentos de barro aqui e ali. O «Castro»

(240) Desde 1980 aquela zona é designada por Área Arqueológica do Freixo. Nela se tem realizado, anualmente, campanhas de escavações dirigidas pelo Dr. Lino Tavares Dias, com os melhores resultados. Foram já postas a descoberto ruínas de zonas habitacionais, termas e uma necrópole de incineração. De destacar o aparecimento de um balneário castrejo, junto às termas romanas. A povoação ficava junto à estrada que ligava Bracara Augusta (Braga) a Emerita Augusta (Mérida). Está classificada como Monumento Nacional.

(241) Sobre o destino deste marco miliário transcrevo a seguir este significativo trecho extraído do artigo de Manuel de Vasconcelos publicado no «Arqueólogo Português», vol. XXI, págs. 319-325.

«... Teve um fim desastrado o malaventurado marco. Um dia que ali conduzi o meu amigo José Leite de Vasconcelos para lhe mostrar esta e outras antiguidades, fomos dar com ele entre as mãos duns desalmados pedreiros, que o tinham partido em bocados e lhe estavam aplicando com fúria de canibais as derradeiras marteladas sacrílegas: das letras, poucos e raros vestígios já restavam.

Mais bem sorteada foi uma ara romana que estava um pouco além do malogrado marco, à borda de um poço. Levou-a Martins Sarmiento para o seu Museu de Guimarães, e lá se acha agora felizmente ao abrigo das injúrias dos selvagens...»

(242) S.ª Eufémia de Prazins é uma freguesia do concelho de Guimarães a 12 km desta cidade.

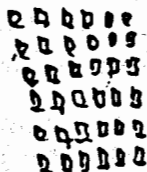
fica mais para nascente e sem dúvida pouco tinha a ver com estes outeiros—se a povoação primitiva não desceu de lá para estes outeiros—o que talvez seja possível. No «Castro» apesar do monte estar coberto de maíãs e mato de uma altura respeitável, encontrei fragmentos de tijolo e vasilhas. O Outeiro é alcançado quase por todos os lados, e pelo nordeste dir-se-ia que rochedos de uma altura prodigiosa lhe formavam a muralha. Debalde espreeitei os penedos. Nenhum sinal.

*Cruzes com inscrições*—O cruzeiro de S. Cláudio, de 1684, tem uma. A única curiosidade é a ligadura  $\text{Z} + \text{E}$  em FAZER. O de S. Romão (Guimarães) em latim tem a abre- $\text{E}$  viatura POS = (possuit).

*Porco de Bragança—Porca de Murça*—O Inácio de Meneses diz-me que o porco serve de base ao pelourinho de Bragança, de que o «Ocidente» deu uma gravura, parece mais antigo que o pelourinho, e de pedra trazida de longe, porque a não há pelos arredores. Ao abrirem-se-lhe o buraco para encaixar o fuste do pelourinho racharam o porco pelos lombos, e porque ele não abriu de todo gatearam-no. Terá onze palmos de comprimento. A célebre «Porca de Murça» também não é um mito, como eu cuidava e existe ainda; mas os naturais duvidam se é porca ou ursa.

*Castros à volta de Montalegre* (243)—O António Monteiro, um apontador que o Carlos Ribeiro mandou para tirar as plantas da Citânia e Sabroso, por conta do Governo, chegou hoje a Briteiros (15-5-79) depois de se demorar algum tempo em Montalegre, onde devia visitar alguns castros, tirar-lhe a planta e fazer algumas escavações. Mandaram-no retirar à pressa, sem fazer escavação nenhuma. Conta porém que em volta de Montalegre há mais de 6 ou 8 castros, sendo um dos principais o de Medeiros, Donões e Granja, este não longe de Boticas. No de Medeiros falaram-lhe de duas serpentes, gravadas em rochas, com as cabeças viradas para direcções opostas. No Castro da Granja, perto e a poente, há duas construções esquisitas; uma de séries de pedras metidas de cutelo em quadro tendo 30 metros de comprimento e 15 de largo. Outra um «Cromlech» de 12 metros de diâmetros, de pedras também metidas de cutelo, e um pouco salientes da superfície do solo.

Primeira:

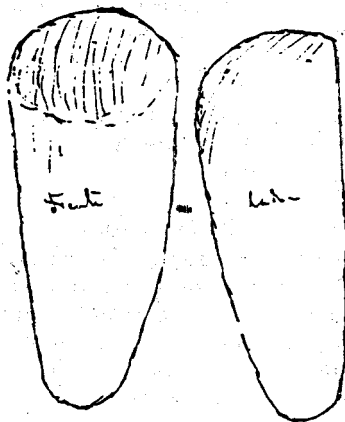


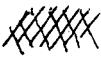
Segunda:



(243) A região de Montalegre é arqueologicamente muito rica. Armando Coelho da Silva assinala no seu livro «A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal», 41 locais arqueológicos no concelho de Montalegre.

Não trouxe ele nota da quantidade de fiadas da construção quadrada, nem soube ele dizer se o «Cromlech» é abaulado no centro. O que parece mais certo é que naqueles sítios estas antiqualhas estão intactas e longe da cultura. Mais hoje mais amanhã, lá vamos.



*Vila Cós*—Mandeí hoje (26-5-79) explorar a cova do carvalho de Vila Cós. Apareceu muita telha romana, poucos fragmentos de vasilhas, sendo a mais notável uma de pasta preta, cor de lousa com uma ornamentação ligeira em quadrado. Um fragmento de vidro verde-amarelo, com duas estrias em volta do que devia ser bojo. Um fragmento de lousa. Um  instrumento de feíto de machado, mas parecendo mais um martelo. Parece de xisto aluminiífero, mas é extremamente pesado. Falei com a mulher que encontrou «a cabeça da estátua». Nada de cabeça. Equipara-a a uma talha-mar (espécie de pirâmide) com



letras. Trata-se de a achar, e é possível que apareça. Um dos trabalhadores que arrancou o carvalho possuía um pequeno fragmento de pedra ornamentada que adquiri. É de desenho muito vago.

## ANTIQUA

### II (244)

25, Maio

1879

*Água no Leite*—Não lhe a deitando, se cair alguma gota de leite ao lume, seca o leite na cabra (Briteiros).

*Céu pintado* (nuvens mosqueadas) chão molhado (-chuva certa). (Marg.).

*O responso de Santo António* faz com que a pessoa responsada (o mesmo dá certo com animais) não possa andar para diante. Anda para trás e portanto vem ter ao ponto de partida. Crê-se nisto seriamente em Briteiros e contam-se factos: tal como diz a mulher do Barros (da Poça).

(244) Tem início aqui o segundo caderno que faz parte do primeiro volume de ANTIQUA.

*Senhora da Lapa*—Uma capela, que da Citânia se vê para os lados nordeste na encosta do Monte do Castro. A Capela é formada de enormes penedos (Padre Manuel Ribas).

*Ovos* (Superstições)—Já atrás fica dito que os pintos, nascidos na «lua de Maio», não vingam. Há porém um meio de contrariar a má influência desta lua. Os ovos serão «baptizados». Consiste o baptismo em metê-los, passá-los por «água da fonte» (não por água que esteja em casa). Guarda-se esta água e evita-se que seque, porque secando, lá vai tudo. Quando os pintos, estão para nascer—o que se conhece muito bem, já porque eles piam dentro do ovo, já porque a galinha o indica aos peritos, passam-se os ovos pela água guardada, dizendo três vezes: «Mis, Mis, Mis.» (Santa Leocádia de Briteiros). Se os ovos que hão-de ser lançados a uma galinha, não importa em que lua são levados de um lugar para outro, de modo a que o portador passe por cima da água, um regato, é preciso cobri-los com migalhas e sal; de contrário, os ovos goram. Não tendo de passar água, é escusada esta precaução (Santa Leocádia (Marg.)).  
(N. B. — Ambas as superstições estão ainda em uso sério).

*Galinhas*—Quando se dispõem os ovos no cesto para as galinhas os chocarem, diz-se: «Em nome de S. Salvador saiam tudo galinhas e um só galador». Para se não perderem as galinhas, esfrega-se-lhes o rabo pelo lar, e diz-se: «se te eu procurar, aqui te venha encontrar. (Marg.).»

*Pão*—Quando se salga, deve dizer-se: «Em nome de S. Gonçalo, que não saias inosso nem salgado; em nome de S. Gonçalinho, que não saias inosso nem salgadinho».

Quando se mete o pão no forno, faz-se uma cruz com a pá, e diz-se: «Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo—que cresças no forno e fora do forno os meus inimigos que comam um corno». (Idem).

*Tirar o leite aos animais*—Basta dar-lhe um bocado de pão a comer e tirar-lhe metade da boca e comê-lo. Uma mulher, sem leite que faça isto a uma vaca fica com leite. Sucede às vezes que um animal come metade do pão que uma mulher tem na boca. Se ela tinha leite perde-o, e passa para o animal, se não é masculino, entenda-se. Há casos destes em Santa Leocádia.

*Clamor de S. Cláudio* (245)—Vem a S. Salvador de Briteiros (246) no dia de S. Tiago, e tem de entregar ao Pároco desta freguesia uma dúzia de colheres

(245) S. Cláudio de Barco é uma freguesia do concelho de Guimarães a 9 kms. desta cidade.

(246) S. Salvador de Briteiros é uma freguesia do concelho de Guimarães e a 12 kms. desta cidade. Nesta freguesia está situada a Citânia de Briteiros.

de pau e duas varas de vergal, tomentos (a). Perguntarei as causas da usança. Ignoram-se (247).

*Lume*—Cuspir nele é pecado. Quando não havia lumes-prontos força era conservar o lume, como num templo de vestais, ou pedi-lo. Para o conservar, fazia-se uma pequena cova na borrarreira (cinzeiro atrás do lar, e contíguo a ele) deitavam-se aí as brasas, alguns grãos de sal em cima (para o conservar, diz-se) e cobriam-se com cinza. Às vezes de manhã as brasas apareciam ainda muito vivas. Se se apagavam, e de noite alguém se levantava e precisava de lume, não o achando, imagine-se: «Não há lume! «Era preciso ir pedir fora e acordar os vizinhos. Quem dava lume, punha no testro, em que o levava quem o pedia um bocado de bosta de boi da porta do forno. Isto fazia com que se não apagasse o seu. Resulta que com a ideia de dar lume andava ligada a ideia de o perder.

*Cidade de Pegas (Felgueiras)*—As inscrições que aqui havia, uma delas parenta de certo da da Citânia de Roriz, foram-se, segundo afirma o Manuel Baltasar. Os sinais que apareceram em penedos, segundo os desenhos dele são:

Em Cristelo:



No Monte dos Perdidos:



*Barqueiros*—S. Cláudio (248)—Passando há tempos por S. Cláudio, perto das Almas, vi fragmentos de telha romana, e não só aí, mas por outros sítios próximos encontra-se barro antigo. Hoje fui (já tarde) dar uma volta por aqueles sítios, e tive a fortuna de encontrar no «lugar do monte» (onde ficam as cruces) um rapazola que encontrou os vasos (urnas) (249) que me deu o «Vago-Mestre» (250). Foi mostrar-me o sítio, onde elas apareceram. É no corte de terreno que eu já examinara o ano passado, para o lado do campo (norte). Encontraram-se—diz ele—à altura de 3 palmos. Não havia pedras, nem coisa que o valha.

(a) O vergal há-de (pode?) ser tão raro, que posto de noite sobre as ervas, a ponta delas apareça por entre as malhas.

(247) Já não se realiza este clamor e ninguém se lembra desta tradição.

(248) Vide nota (245). Publicado pelo Abade de Tãilde na «Revista de Guimarães», vol. XVIII, pág. 126.

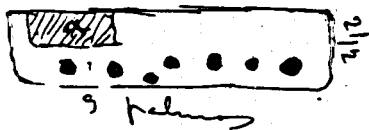
(249) As «urnas» a que Martins Sarmiento se refere, são os vasos de aba larga que se encontram expostos no Museu Martins Sarmiento.

(250) José Joaquim Costa, sargento reformado que possuía uma propriedade em S. Cláudio do Barco. («Revista de Guimarães», vol. LXXX, pág. 20, nota 37).

Ao pé da casa do rapazola (defronte das Cruzes) tinha eu notado montes de pedregulhos (seixos arredondos), tirados dum campo próximo tendo à mistura pedaços de mica-xista avermelhado, que foi trabalhado, parece, e um ou outro fragmento de barro antigo. O homem não lhe deu importância, e nem conta nada que preste. O lugar das «urnas» chama-se «monte de baixo».

Perguntando-lhe por «penedos de letras», falou-me no das Taipas (ara de Nerva), acrescentando que dizia o povo que se se partisse este penedo ou o de St.<sup>a</sup> Eufêmia viria peste. É a lenga-lenga dos penedos de St.<sup>a</sup> Olaia. Mas do penedo de St.<sup>a</sup> Eufêmia só me soube dizer que ficava no alto, que não tem letras. Será o grupo que figura um «dólmen». Para mais informações remeteu-me para o João de Segade.

Fui ver a Igreja de S. Cláudio. Nada mais pobre. Mas encontrei uma surpresa. Servindo de primeiro degrau para subir à pseudo torre há uma pedra de nove palmos escassos de comprido, com 7 covinhas de 3 ½, polegadas de diâmetro, umas um pouco mais, outras um pouco menos. Perguntei a uma mulher se aquilo tinha algum uso (superstição), disse-me que só há um ano morava ali. Estou que não tem uso conhecido. A pedra é um carneiro sepulcral desprezado. A parte cavada está contra a parede dos alicerces da torre. A figura é esta:



a) é na abertura cheia com cascalho. A cabeça era do lado onde se marcam os 2 ½, palmos porque do lado oposto é um pouco mais estreita. Assim o plano do desenho é o de hoje; mas esta parte era na primitiva o lado esquerdo do carneiro, e tinha de altura

3 palmos. Tratarei de pedir notícias minuciosas.

N. B. — As covinhas — afirma o Marques — são depressões causadas pelo fundo dos morteiros, que é costume ali carregar. — Aviso aos procuradores de covinhas. — Acrescenta o Marques que não sabe de nenhuma antiguidade por aí. Só reformando-se a igreja apareceram duas pequenas colunas torcidas que foram atiradas para os alicerces da obra nova. Fala mais duns fragmentos de pedra pintada, não sabendo descrevê-los por serem restos informes (251).

Legado de um tanto de vinho da Casa-Nova(252), para em certo dia os que quisessem vir rezar pelo legante, beberem depois em memória dele, nas fragas fronteiras à escola (Briteiros).

(Continua)

(251) Do carneiro sepulcral nem vestígios. Como a igreja sofreu entretanto grandes obras de ampliação, o carneiro deve ter ido fazer companhia às colunas torcidas.

(252) Casa-Nova é nome de uma quinta na freguesia de Briteiros.